

Mordacidade nos discursos de Cícero: *ioci, facetiae* *et dicacitates* ao serviço da oratória

HELENA COSTA TOIPA
Universidade Católica — Viseu

Quando pensamos em Cícero, o que nos vem à mente, acima de tudo, é a sua postura austera, a sua seriedade, o seu tom elevado e grandiloquente, os seus ensinamentos que marcaram sucessivas gerações de oradores, filósofos e pensadores em geral. É, no fundo, o Cícero de *O tempora! O mores!* da Primeira *Catilinária*.

Lendo os seus textos, no entanto, nomeadamente os resultantes de discursos pronunciados em processos judiciais e no âmbito da política, actividades que marcaram toda a sua vida, encontramos inúmeras marcas do espírito mordaz de Cícero, que ora recorre à ironia subtil, ora a um humor cáustico, ora à sátira, ora à paródia, ora à caricatura, para atingir os seus objectivos. Nesses discursos, com a intenção de defender os interesses dos seus clientes e os seus, ataca com o seu humor ora os acusadores e os seus defensores, ora os seus adversários políticos. Como diz César Estrabão Vopisco, personagem interveniente nos diálogos do *De Oratore*, a finalidade dos gracejos não é o divertimento puro e simples, mas a utilidade para o cliente¹.

Sofrem este tratamento figuras como Clódia, a irmã de Clódio Pulquer (*Pro Caelio*), Catão e Sérvio Sulpício (*Pro Murena*), Marco António (*Filippica*), Catilina (*In Catilinam*) e Verres (*In Verrem*), entre muitos outros.

¹ Com efeito, este interveniente na conversa, conhecido entre os seus contemporâneos e sucessores pela forma divertida de tratar as questões sérias, num tom de comédia e alegria, é solicitado pelos restantes no sentido de se pronunciar sobre esta matéria. É ele que diz (...) *quod nos cum causa dicimus, non ut ridiculi uideamur, sed ut proficiamus aliquid, (...)*. *De Orat.* 2. 247.

Plutarco, na biografia que compôs sobre Cícero², destacou algumas características do seu feitio, como a vaidade - o seu hábito constante de se louvar e engrandecer os seus feitos indispunha muita gente e, de tal modo enchera de auto-elogios os seus escritos, que, por vezes, os tornava penosos e difíceis de suportar. Mas não deixou também de realçar a sua capacidade de reconhecer o valor de antecessores e contemporâneos, não lhes poupando elogios, demonstrando a sua profunda admiração, com justiça e desprendimento. E se os que são dignos de elogios os recebem sem reservas, nem inveja, os que merecem críticas também não são poupados. Plutarco ressalta a sua inconveniência, as suas “tiradas” certeiras (*Cic.*, 25), o seu espírito irónico e conta mesmo algumas “saídas” ora irónicas, ora venenosas (*Cic.*, 26). O seu tom chega, por vezes, à bufonaria (*Cic.*, 50).

Os gracejos mordazes contra inimigos ou adversários parecem fazer parte do arsenal de retórica, ainda segundo Plutarco, que acrescenta que, graças a esta prática, Cícero gerara contra si muitos ódios (*Cic.*, 27).

Num dos seus tratados maiores sobre a oratória (*De Oratore*), Cícero pronuncia-se sobre a questão da utilização dos gracejos nos discursos políticos e judiciais. Com efeito, na conversa que travam os personagens intervenientes no *De oratore*, no decurso da exposição de António³ sobre os meios de despertar as paixões entre os auditores (§205 sqq), ao passar para a questão da comicidade, que diz prestar um grande auxílio numa harenga⁴, este passa a palavra a J. César Estrabão Vopisco⁵, que considera perito nessa matéria, pela utilização que dela faz nos seus discursos.

² Plutarchus, *Vitae Parallelae. Cicero*.

³ M. António (143 a. C. – 87 a C.). Pai do colega de consulado de Cícero (António Híbrida) e avô do triúviro Marco António. É um dos intervenientes do *De Oratore*. De acordo com esta obra, a sua ideia era de que um orador se forma pela prática continuada, pela experiência; está convencido de que todos os meios são bons para ganhar o processo, e que, para convencer o juiz não precisa de escrever peças de literatura. Escrevia com correcção mas sem demasiada elegância. Era modelo de orador hábil, que conhecia os segredos do seu ofício, capaz de encontrar os argumentos apropriados e de os usar na altura certa e de refutar os argumentos dos adversários.

⁴ *De Orat.* 2.216 *Suavis autem est et uehementer saepe utilis iocus et facetiae; (...)*

⁵ César Estrabão Vopisco (120 a. C. – 87 a. C.). Orador interveniente no *De Oratore*, conhecido pelo humor dos seus discursos, qualidade com que ultrapassou os seus predecessores e contemporâneos.

De Orat. 2. 216 *Suavis autem est et uehementer saepe utilis iocus et facetiae; quae, etiam si alia omnia tradi arte possunt, naturae sunt propria certe neque ullam artem desiderant. In quibus tu longe aliis mea sententia, Caesar, excellis; (...).*

César Estrabão, apesar de alguma hesitação, por considerar ser esta uma matéria difícil de regulamentar, pois, por vezes, é mesmo uma questão de improviso, e por ver, entre os interlocutores uma outra figura que poderia falar sobre essa matéria com o mesmo conhecimento de causa, Licínio Crasso⁶, acede finalmente a dizer o que pensa sobre o assunto. Já reconheceria o auxílio que traziam ao orador “*lepus et facetiae*”:

*Verum tamen, ut dicis, Antoni, multum in causis persaepe lepore et facetiis profici uidi*⁷.

Expõe, então, a sua opinião sobre o riso nos discursos públicos, propondo-se responder às seguintes questões: O que é o riso? O que o provoca? Convirá ao orador querer provocá-lo? Até que ponto deve ir? Quais os vários géneros de gracejos?

Deixando de lado a primeira questão, que remete para outros mais informados, responde às três seguintes com rapidez e à última com algum detalhe. Quanto à segunda, aponta como situações capazes de provocar o riso, qualquer fealdade moral ou qualquer deformidade física, que devem ser apontadas com acutilância.⁸ Quanto à terceira, afirma não ter qualquer dúvida de que convém ao orador provocar o riso do auditório, não só porque a alegria capta a benevolência deste, mas também porque abate o adversário, enfraquece-o, intimida-o; para além de que, ainda, revela o orador como homem do mundo, cultivado; afasta a tristeza e adoça a severidade, e apresenta outras vantagens que tornam recomendável a sua utilização⁹. Quanto à quarta

⁶ Licínio Crasso (140 a. C. – 91 a. C). Um dos grandes oradores da geração anterior a Cícero, que o admirava particularmente e a quem teve como mestre, apresentando-o como interveniente nos diálogos do *De Oratore*. Tanto nesta obra como no *Brutus*, Cícero traça o seu elogio — a perfeição da linguagem, a graça, o humor. Era de grande elevação de espírito, de vasta cultura, conhecedor de vastos domínios do saber. Cícero torna-o o porta-voz das suas ideias e o protagonista dos diálogos.

⁷ *De Orat.* 2. 219. Mais adiante voltará a repeti-lo: *De Orat.* 2. 227 *Qua re tibi, Antoni, utrumque adsentior, et multum facetias in dicendo prodesse saepe et eas arte nullo modo posse tradi. Illud quidem admiror, te nobis in eo genere tribuisse tantum et non huius rei quoque palmam [ut ceterarum] Crasso detulisse.*

⁸ *De Orat.* 2. 236 *Locus autem et regio quasi ridiculi – nam id proxime quaeritur – turpitudine et deformitate quadam continetur. Haec enim ridentur uel sola uel maxime, quae notant et designant turpitudinem aliquam non turpiter.*

⁹ *De orat.* 2. 236 *Est autem, ut ad illud tertium ueniam, est plane oratoris mouere risum: uel quod ipsa hilaritas beniuolentiam conciliat ei, per quem excitata est; uel quod admirantur omnes acumen, uno saepe in uerbo positum, maxime respondentis, non numquam etiam lacescentis; uel quod frangit aduersarium, quod impedit, quod eleuat, quod*

questão, aponta alguns limites que o orador se deve impor; há algumas questões que podem ser objecto de troça, mas outras em que não convém nem se deve tocar: deve evitar-se absolutamente brincar com a extrema perversidade que vai até ao crime e com a extrema miséria e infelicidade¹⁰.

Passa finalmente a falar mais alongadamente sobre os géneros de gracejos e sobre as várias formas de provocar o riso. Faz questão de excluir alguns desses géneros, como pouco próprios para um orador (§§251 e sqq). Depois de passar em revista algumas modalidades, ilustradas com episódios tirados dos discursos de reputados oradores, seus antecessores, conclui que se caracterizam por surpreender a atenção e expectativa do auditor, por zombar dos defeitos dos seus semelhantes e apontar os próprios, por recorrer à ironia e à caricatura, por dizer coisas absurdas e repreender as estultas. Tudo isto ser deve fazer com semblante sério e grave.¹¹

No *Orator*, escrito anos mais tarde, Cícero volta a abordar a questão, mas de uma forma mais breve e realçando uma das questões, a dos limites da conveniência. Defende o uso de um tom de divertimento que mantenha o auditório de bom humor e que desconcerte o adversário. Distingue dois géneros no tipo de humor a utilizar: a facécia, um tom de gracejo, e a causticidade, um tom mais mordaz; esta última, que usará para a zombaria, marcada por traços picantes e réplicas mordazes, deverá ser utilizada dentro de determinados limites: nunca de forma insolente, nem contra a infelicidade ou contra o crime, nem de forma desajustada. Poupará os amigos e os dignatários

deterret, quod refutat; uel quod ipsum oratorem politum esse hominem significat, quod eruditum, quod urbanum, maxime[que] quod tristitiam ac seueritatem mitigat et relaxat odiosasque res saepe, quas argumentis dilui non facile est, ioco risuque dissoluit.

¹⁰ De Orat. 2. 237-239 *Quatenus autem sint ridicula tractanda oratori, perquam diligenter uidendum est, - [id] quod in quarto loco quaerendi posueramus. Nam nec insignis improbitas et scelere iuncta nec rursus miseria insignis agitata ridetur: facinerosos [enim] maiore quadam ui quam ridiculi uolnerari uolunt; miseros illudi nolunt, nisi se forte iactant. Parcendum autem maxime est caritati hominum, ne temere in eos dicas qui diliguntur. LIX. 238 Haec igitur adhibenda est primum in iocando moderatio. Itaque ea facillime luduntur, quae neque odio magno neque misericordia maxima digna sunt. (...) 239 Est etiam deformitatis et corporis uitiorum satis bella materies ad iocandum; sed quaerimus idem, quod in ceteris rebus maxime quaerendum est, quatenus.*

¹¹ De Orat. 2. 289 *Expectationibus enim decipiendis et naturis aliorum inridendis, ipsorum ridicule indicantis, et similitudine turpioris et dissimulatione, et subabsurda dicendo et stulta reprehendendo risus mouentur. Itaque imbuendus est is, qui iocose uolet dicere, quasi natura quadam apta ad haec genera et moribus, ut ad cuiusque modi genus ridiculi uultus etiam accommodetur; qui quidem quo seuerior est et tristior, ut in te, Crasse, hoc illa quae dicuntur salsiora uideri solent.*

e evitará os confrontos insanáveis. A sua intenção é provocar o riso entre o auditório, cativá-lo pela boa disposição, não mostrar-se odioso ou deslocado; é preciso agir com sentido das conveniências e da oportunidade¹².

Também no *Brutus*, ao passar em revista os oradores gregos e latinos, seus antecedentes e contemporâneos, realça como qualidade maior a habilidade na utilização do humor, do tom jocoso, a capacidade de provocar o riso entre o auditório.

Da produção do Arpinate, é na correspondência que se registam mais manifestações do “espírito ciceroniano”, logo seguida dos discursos judiciais e dos políticos. Os seus tratados filosóficos, bem como os oratórios, revelam-se mais sóbrios¹³.

Nos seus discursos, pois, mostra-se particularmente mordaz com alguns dos intervenientes do processo, nomeadamente com aqueles que deram origem ao mesmo, isto é, os queixosos e os seus defensores (quando ele era o advogado de defesa), com os réus (quando era o de acusação) e com os seus adversários políticos (dentre estes, a sua “veia” atinge o ponto máximo com Marco António que, após a morte de César se perfilava como o novo líder político; os seus ataques a Marco António, nas 14 *Filípicas*, valeram-lhe, após a formação do segundo triunvirato, a condenação à morte e consequente execução; Cícero ridiculariza as suas actuações e actividades, exagera as suas acções e defeitos, atribui-lhe ou enfatiza vícios, chegando ao exagero da caricatura, insulta-o com epítetos humilhantes, dando ouvidos e fazendo uso de um arsenal de boatos e má língua que se tinham generalizado na Urbe).

¹² *Orat.* XXVI, 87-89 **87** *Huic generi orationis aspergentur etiam sales, qui in dicendo nimium quantum ualent; quorum duo genera sunt, unum facetiarum, alterum dicacitatis. Vtetur utroque; sed altero in narrando aliquid uenuste, altero in iaciendo mittendoque ridiculo, cuius genera plura sunt; sed nunc aliud agimus.***88** *Illud admonemus tamen, ridiculo sic usurum oratorem, ut nec nimis frequenti, ne scurrile sit, nec subobsceno, ne mimicum, nec petulanti, ne improbum, nec in calamitatem, ne inhumanum, nec in facinus, ne odii locum risus occupet, neque aut sua persona aut iudicium aut tempore alienum. Haec enim ad illud indecorum referuntur.* **89** *Vitabit etiam quaesita nec ex tempore ficta, sed domo allata, quae plerumque sunt frigida. Parcet et amicitii et dignitatibus; uitabit insanabilis contumelias; tantummodo aduersarios figet nec eos tamen semper nec omnis nec omni modo. Quibus exceptis, sic utetur sale et facetiis, ut ego ex istis nouis Atticis talem cognouerim neminem, cum id certe sit uel maxime Atticum.*

¹³ Cf. A.Haury, *L'ironie et l'humeur chez Cicéron* (Leiden 1955) 216 sqq.

Mesmo os discursos que parecem simplesmente judiciais têm frequentemente implicações políticas; no *Pro Caelio*, por exemplo, na defesa de Célio Rufo, o ataque mais veemente dirige-se a Clódia, que era a queixosa (31 sqq), mas dirige-se também ao irmão desta, o agora inimigo Clódio Pulquer.

Os seus colegas de profissão, alguns até amigos e dignos do seu respeito e admiração, também são ridicularizados e atacados, nas suas crenças, na sua profissão ou na sua postura filosófica. (*Pro Murena*).

Vejamos três dos seus discursos.

No *Pro Caelio*, Cícero ocupa-se da defesa de Célio Rufo¹⁴, que era acusado de vários crimes: participação nos recentes motins em Nápoles, violência sobre uma delegação de alexandrinos em Pouzzoli, destruição de bens de Pala, participação no assassinato de Díon e tentativa de envenenamento de Clódia. O acusador era Atratino, impulsionado pela própria Clódia.

A questão era a seguinte: o académico alexandrino Díon, chefe de uma embaixada de personalidades alexandrinas enviada a Roma pela recém aclamada rainha Berenice, filha mais velha de Ptolomeu Auleta, rei do Egipto, fora assassinado antes de ser ouvido pelo Senado romano. O crime ficou sem punição; foi acusado, a princípio, um certo P. Asício, que foi absolvido graças à defesa de Cícero, e posteriormente Rufo Célio. Este era acusado de ter comprado os escravos de Luceio, o hospedeiro de Díon, para perpetrarem o golpe, e insinuava-se que o dinheiro da corrupção lhe tinha sido dado pela sua amante Clódia, que Rufo depois tentara envenenar para fazer desaparecer prováveis testemunhas do crime. É esta a ocasião do processo e Clódia a queixosa.

Na defesa de Célio, principalmente para rebater a acusação geral de libertinagem e a da tentativa de envenenamento, Cícero contra-ataca e centra a sua atenção em Clódia, fazendo recair sobre ela a sua veia mordaz, ironia, humor, voltando o feitiço contra o feiticeiro.

¹⁴ M. Célio Rufo, nascido provavelmente em 85 a C., em local desconhecido, era filho de um cavaleiro que possuía vastos domínios em África. Fez os estudos normais dos jovens romanos de boas famílias e foi entregue aos cuidados de dois oradores então em voga, Crasso e Cícero. Em 63-62 tornou-se adepto de Catilina, cedendo à sedução que este exercia sobre os jovens, à qual nem mesmo Cícero resistiu, a princípio. Em 60 lançou-se nas actividades do fórum, destacando-se num processo contra António Híbrida, acusado de exploração na Macedónia; apesar da defesa de Cícero, este foi condenado ao exílio. Em finais de 55, Célio terá conhecido Clódia, normalmente identificada com a Lésbia de Catulo, pertencente à distinta e antiga família dos Claudii, que contava com figuras muito ilustres no número dos antepassados; nessa altura, já esta começava a aborrecer Catulo. A ligação de Célio e Clódia é certa.

Ao abordar a questão do ouro emprestado e a tentativa de assassinato, tenta desacreditá-la, pondo em dúvida os factos apresentados e remata dizendo que ela era uma mulher *nobilis* (nobre), mas também *nota* (conhecida), aludindo à sua reputação, mas acrescenta que nada dirá a não ser o necessário para rebater a acusação, insinuando que não dará ouvidos ao que se diz correntemente na cidade, numa postura de aparente isenção. No seu ataque, visa também o seu irmão, Clódio, nomeadamente quando, maldosamente insinuando o incesto entre eles, que era boato corrente em Roma, diz:

*Quod quidem facerem uehementius, nisi intercederent mihi inimicitiae cum istius mulieris uiro — fratre uolui dicere, semper hic erro*¹⁵.

O que eu faria com mais veemência, se não interferissem as inimizades com o marido desta mulher — quero dizer, irmão; engano-me sempre nisto.

O seu desejo de dar largas à sua mordacidade, ao seu veneno, é tal, que tem de exercer um grande controlo sobre as suas palavras; promete comportar-se com moderação e não avançar para além do que exigem o dever e a causa, porque, diz, não gosta de ter questões com mulheres, principalmente com esta, que era tão amiga de todos os homens¹⁶. Chama então em seu auxílio duas figuras que repreendam Clódia no seu lugar e, pondo-as à consideração da própria, pede-lhe que escolha a que prefere: se um dos seus ilustres antepassados barbudos (não com uma ligeira barba como era moda e como ela gostava), por exemplo Apius Claudius Caecus, que, por ser cego, não sofreria muito por ver a degradação a que a sua descendente tinha chegado¹⁷; se o seu irmão mais novo, um homem do mundo, que a amava muito e que, por

¹⁵ *Pro Caelio* 32. Cícero toca nesta questão do incesto noutros discursos seus, sempre que se ocupava do ataque a Clódio. Vd. *De domo sua* 92; *Pro Sestio*, 39-40, entre outros.

¹⁶ *Cael.* 32 *Nunc agam modice nec longius progrediar quam me mea fides et causa ipsa coget. Nec enim muliebres unquam inimicitias mihi gerendas putauī, praesertim cum ea, quam omnes semper amicam omnium potius quam cuiusquam inimicam putauerunt.*

¹⁷ *Cael.* 33 *Sed tamen ex ipsa quaeram prius utrum me secum seuere et grauiter et prisce agere malit, an remisse et leniter et urbane. Si illo austero more ac modo, aliquis mihi ab inferis excitandus est ex barbatis illis non hac barbula, qua ista delectatur, sed illa horrida, quam in statuīs antiquis atque imaginibus uidemus, qui obiurget mulierem et pro me loquatur, ne mihi ista forte succenseat. Existat igitur ex hac ipsa familia aliquis, ac potissimum Caecus ille; minimum enim dolorem capiet, qui istam non uidebit.*

quaisquer timidez ou temores nocturnos, ironiza Cícero, tinha por costume deitar-se com esta irmã mais velha¹⁸.

Cícero parodia, então, os discursos dos dois: o primeiro apelava para a ilustração dos homens e mulheres da família e para os valores por eles defendidos; o segundo adopta o tom de um homem do mundo, despreocupado, sem cuidados de pergaminhos familiares, e que, resumindo, lhe sugere que não se aborreça com Célio, que não faça tanto barulho por um só homem quando tem à sua disposição muitíssimos outros, entre os que frequentam a sua casa e os seus jardins junto ao Tibre, e que escolha outro partido melhor que esse entre eles¹⁹.

Cícero acaba por desculpar os avanços de Célio, atacando Clódia (que denomina *immoderata mulier, meretrix, procax*) pelo seu mau comportamento e afirmando que não se podia chamar culpabilizar um homem que convivesse com tal mulher, de costumes tão livres (*Cael.* 38, 49).

No *Pro Murena*, pronunciado em Novembro de 64, entre a 2ª e a 3ª *Catilinárias*, na defesa do seu cliente²⁰, acusado, entre outras coisas, de corrupção eleitoral, Cícero escolhe como alvos da sua mordacidade, os acusadores; mas o tom adoptado é de bonomia, de cordialidade, que lhe permite dizer, sorrindo, verdades penosas, sem injuriar, como acontecera com Clódia, tanto mais que Sérvio Sulpício e Catão eram das suas relações. Dominam, neste texto, duas sátiras, uma ao jurisconsulto fechado num formalismo ingénuo, convencido da suma importância da sua actividade para o sucesso na política, outra ao estóico demasiado obediente aos preceitos da escola, sátiras que alguns estudiosos consideram exageradas.

¹⁸ *Cael.* 36 *Sin autem urbanus me agere maus, sic agam tecum; remouebo illum senem durum ac paene agrestem; ex his igitur tuis sumam aliquem ac potissimum minimum fratrem, qui est in isto genere urbanissimus, qui te amat plurimum, qui propter nescio quam, credo, timiditatem et nocturnos quosdam inanes metus tecum semper pusio cum maiore sorore cubitauit.*

¹⁹ *Cael.* 36 *Habes hortos ad Tiberim ac diligenter eos eo loco parasti, quo omnis iuuentus natandi causa uenit; hinc licet condiciones cotidie legas; cur huic, qui te spernit, molesta es?*

²⁰ L. Licinius Murena era oriundo de família plebeia, sem grandes riquezas nem tradição de altas magistraturas. Participou, como legado de Luculo, na terceira guerra contra Mitrídates, passando muitos anos na Ásia, dando provas de coragem e valor militar. A acusação debruça-se sobre a sua vida privada, tentando provar que os seus méritos para o consulado eram inferiores aos dos outros candidatos, entre os quais se destacava o acusador, Sulpício, e apontava-lhe a prática de corrupção eleitoral.

Começando por Sulpício, adoptando o processo da comparação, Cícero estabelece um paralelo irónico entre o acusado e o acusador, quanto ao percurso biográfico e político e à ascendência familiar, e satiriza a actividade de Sulpício como jurisconsulto, apresentando-o convencido de ser de uma importância extrema, comparando a sua actividade com a actividade menos importante de um general, como Murena. Sulpício, ironiza Cícero, dedicava-se a tarefas tão importantes como dar consultas, redigir fórmulas, dirigir as partes nos seus processos, num labor, cheio de preocupações e vigílias; não poupava noites ou trabalho, estava sempre à disposição dos seus clientes, aturando a tolice e a arrogância de muitos deles — grande mérito e reconhecimento se devia a um homem que se entregara a uma ciência de uma utilidade tão geral²¹! Em contrapartida, como legado do embaixador Luculo, Murena desempenhara funções “menores” como comandar o exército, dirigir ofensivas, combater, derrotar um grande número de inimigos, tomar cidades, percorrer a Ásia, sem deixar lembrança de ambição ou imoralidade²².

No célebre conflito Letras/Armas, Cícero toma aqui uma posição diferente da defendida em outras ocasiões, porque convém aos seus propósitos. Ridiculariza o papel de Sulpício, jurisconsulto, face ao de Murena, militar. A exposição sobre esta questão atinge o ponto culminante com o paralelismo que estabelece entre as duas actividades, fazendo cair no ridículo a de jurisconsulto. Este acorda cedo para dar consultas; o militar, para chegar em tempo certo ao lugar fixado; um dispõe para a batalha as peças do processo, outro, o seu exército; um é acordado pelo canto do galo, o outro, pelo toque do clarim; Murena faz recuar as tropas inimigas, Sulpício, apenas as águas da chuva; ele altera as fronteiras do império, este apenas as dos campos²³.

²¹ Mur. 19, IX *Seruius hic nobiscum hanc urbanam militiam respondendi, scribendi, cauendi, plenam sollicitudinis ac stomachi secutus est; ius ciuile didicit, multum uigilauit, laborauit, praesto multis fuit, multorum stultitiam perpessus est, adrogantiam pertulit, difficultatem exorbuit; uixit ad aliorum arbitrium non ad suum. Magna laus et grata hominibus unum hominem elaborare in ea scientia quae sit multis profutura.*

²² Mur. 20 *Fortissimo et sapientissimo uiro, summo imperatori legatus, L. Lucullo fuit; qua in legatione duxit exercitum, signa contulit, manum conseruit, magnas copias hostium fudit, urbes partim ui, partim obsidione cepit, Asiam istam refertam et eandem delicatam sic obiit ut in ea neque auaritiae neque luxuriae uestigium reliquerit, maximo in bello sic est uersatus ut hic multas res et magnas sine imperatore gesserit, nullam sine hoc imperator.*

²³ Mur. 22 *Vigilas tu de nocte ut tuis consultoribus respondeas, ille ut eo quo intendit mature cum exercitu perueniat; te gallorum, illum bucinarum cantus exsuscitat;*

Depois desta crítica ao jurisconsulto Sulpício, que por sua vez também não poupou críticas a Murena, na acusação, Cícero compara esta actividade (que ele próprio também exercia) com a de orador: o jurisconsulto é como um tocador de flauta que não teve habilidade para tocar cítara.²⁴

A estes adversários Cícero dirige-se com ironia e delicadeza, sem virulência, sem denegrir a sua reputação ou a sua família, nem desmascarar vícios secretos. Trata-os com luvas de seda, não com luvas de boxe, como fará com Marco António, por exemplo, ou como fizera com Verres e Catilina.

Satiriza também o estoicismo demasiado obediente de Catão²⁵ que, de resto, considera uma excelente pessoa, e caricaturiza o chefe da escola, Zenão, e os seus dogmas: o sábio é insensível às recomendações, impiedoso para com todas as faltas; a compaixão não passa de ignorância e o homem não deve deixar-se tocar nem flectir; só o sábio é belo, só ele é rico, só ele é rei. Todos os outros, conclui Cícero, são insensatos, todas as faltas iguais, de modo que é tão grande o crime de matar um galo, como o de estrangular o pai. O sábio não opina, não se arrepende, não se engana e nunca muda de opinião.²⁶

Satiriza, então, as reacções demasiado rígidas do filósofo estóico:

Os publicanos fazem um pedido. — “Evita conceder o que quer que seja de favor” [diz ele].

tu actionem instituis, ille aciem instruit; tu caues ne tui consultores, ille ne urbes aut castra capiantur; ille tenet et scit ut hostium copiae, tu ut aquae pluuiarum arceantur; ille exercitatus est in propagandis finibus tuque in regendis. Ac nimirum — dicendum est enim quod sentio — rei militaris uirtus praestat ceteris omnibus.

²⁴ Mur. 29: *Quapropter non solum illa gloria militaris uestris formulis atque actionibus anteponenda est, uerum etiam dicendi consuetudo longe et multum isti uestrae exercitationi ad honorem antecellit. Itaque mihi uidentur plerique initio multo hoc maluisse, post, cum id adsequi non potuissent, istuc potissimum esse delapsi. Vt aiunt in Graecis artificibus eos auloedos esse qui citharoedi fieri non potuerint, sic nos uidemus qui oratores euadere non potuerint eos ad iuris studium deuenire.*

²⁵ Mur. 60: *Finxit enim te ipsa natura ad honestatem, grauitatem, temperantiam, magnitudinem animi, iustitiam, ad omnes denique uirtutes magnum hominem et excelsum. Accessit istuc doctrina non moderata nec mitis sed, ut mihi uidetur, paulo asperior et durior quam aut ueritas aut natura patitur.*

²⁶ Mur. 61: *Huius sententiae sunt et praecepta eius modi: sapientem gratia numquam moueri, numquam cuiusquam delicto ignoscere; neminem misericordem esse nisi stultum et leuem; uiri non esse neque exorari neque placari; solos sapientes esse si distortissimi sint formosos, si mendicissimi diuites, si seruitutem seruiant reges; nos autem qui sapientes non sumus fugitiuos, exules, hostis, insanos denique esse dicunt; omnia peccata esse paria; omne delictum scelus esse nefarium nec minus delinquere eum qui gallum gallinaceum, cum opus non fuerit, quam eum qui patrem suffocauerit; sapientem nihil opinari, nullius rei paenitere, nulla in re falli, sententiam mutare numquam.*

Os miseráveis vêm pedir, acabrunhados pelo infortúnio. — “Seria um crime e uma abominação ceder à piedade”

Um homem reconhece-se culpado e pede perdão pela sua falta. — “É um crime abominável perdoar”. Mas o delito é ligeiro. — “Todas as faltas são iguais”.

Acabaste de dizer alguma palavra... — “Ela é definitiva e irrevogável.”.....determinada não por um facto mas por uma opinião. — “O sábio não expressa opinião”.

Enganaste-te [dizes] — Ele sente-se insultado(...)

“Falaste de modo irado.” — “O sábio nunca fica irritado.”(...)

“É desonesto enganar alguém pela mentira; mudar de opinião é uma vergonha; deixar-se comover, um crime; um escândalo, mostrar piedade”²⁷. — diz.

Conta Plutarco que, como a risada geral tomasse conta da assistência e dos juízes, após esta sátira, o próprio Catão, sorrindo sem comoção, dissera aos seus vizinhos: “Na verdade, cidadãos, temos um consul bem divertido!”²⁸

Mas, se Catão reagiu com urbanidade à brincadeira de Cícero, o mesmo não aconteceria com Marco António. O antagonismo entre ambos tornou-se tão grande que, na primeira lista de proscricções elaborada pelos segundos triúmviros, o orador e a família surgiam em primeiro lugar. Cícero acabou por ser decapitado em 43, por decisão de Marco António, a que nem Octávio pôde fazer frente.

Nas *Filípicas*, última série de grandes discursos, de natureza política, pronunciados num espaço de tempo inferior a um ano, Cícero atinge o ponto mais alto da sua mordacidade. O ódio que nutre por Marco António torna-o excessivo — exagera os seus vícios, acusa-o de devassidão, interpreta tendenciosamente certos factos da sua carreira política e modifica outros. Usa a ironia, a invectiva, a paródia, diverte pela comicidade²⁹.

²⁷ Mur. 62: *Petunt aliquid publicani: caue quicquam habeat momenti gratia; supplices aliqui ueniunt miseri et calamitosi: sceleratus et nefarius fueris si quicquam misericordia adductus feceris; fatetur aliquis se peccasse et sui delicti ueniam petit: nefarium est facinus ignoscere; at leue delictum est: omnia peccata sunt paria; dixisti quippiam: fixum et statutum est; non re ductus es sed opinione: sapiens nihil opinatur; errasti aliqua in re: male dici putat. (...) Iratus dixisti. “Numquam” inquit “sapiens irascitur.”(...) “Improbi” inquit “hominis est mendacio fallere; mutare sententiam turpe est, exorari scelus, misereri flagitium.”*

²⁸ Plutarchus; *Vitae parallelae. Cicero* 50 (1) f.

²⁹ Cf. Introdução de Cicéron, *Discours. Philippiques I à IV*. (vd. Bibliografia).

Tomemos como exemplo a II *Filípica*, a mais extensa de todas. Abertas já as hostilidades entre ambos, Cícero estabelece dois momentos: no primeiro refuta as acusações que António lhe fizera em discurso pronunciado publicamente após a primeira *Filípica*; nela justifica o seu comportamento privado, depois, a sua atitude política e, finalmente, fala da diferença de proveniência das heranças de ambos e não deixa de enfatizar a incapacidade oratória de Marco António. Num segundo momento, Cícero ataca António: primeiro os vícios da juventude e o seu percurso durante a guerra civil e, depois, demoradamente, os crimes políticos perpetrados em cada cargo que desempenhara. Em ambos os momentos, encontra abundantes motivos para dirigir contra M. António a sua ironia, mas também o seu ataque virulento e arrasador.

Ao longo de todo o texto vai brindando o adversário com os epítetos mais desagradáveis. Bêbedo (*Fill.* II.31, 42, 63, 104), debochado (6, 104), estulto (19, 29), estúpido e bruto (30), burro (32), demente (42), desprovido de inteligência e de sensibilidade (68), entre outros.

Vai descrevendo cenas ridículas que ele protagonizara: correndo atrás de Clódio, pelo Fórum, de espada na mão (21); a escorregar pelo telhado para ir ter com o namorado, porque o pai deste proibira a relação de ambos (45); viajando em campanha militar, acompanhado de Cíteris, a amante (58-61); a vomitar, de bêbedo, publicamente (63); a aparecer disfarçado e de surpresa em casa, protagonizando uma cena patética e ridícula com a mulher (77); a discursar em público, nas Lupercais, quase nu, isto é, coberto apenas com uma pele de cabra (86), etc.

O discurso começa com uma admiração irónica: por que razão, não sendo inimigo pessoal de Marco António, ele se tornara seu inimigo, como revelava ultimamente? descobre finalmente: todos os inimigos do Estado tinham sido inimigos de Cícero, logo, como Marco António queria convencer toda a gente de que era inimigo do Estado, tornara-se inimigo de Cícero. Mas Cícero agradece a honra de tal desafio, por poder argumentar a sua própria causa e contra alguém como António. (2)

António atacara, ao que se deduz, a sua política e em particular o seu consulado, considerando-o ruinoso para a República. Em contrapartida, Cícero responde de forma mordaz:

15 Hoje, António não desceu [ao Forum]. Porquê? Porque dá um jantar de aniversário nos seus jardins. Em honra de quem? Não nomearei ninguém. Mas considerai que é em honra de algum Formião, ou de algum Gnatão, ou mesmo de algum Balião³⁰ Que vergonhosa fealdade a deste homem! Que impudor! Que perversidade! Que imoralidade intolerável! Tu, apesar de teres como parente um cidadão singular, um senador extraordinário, não é ele que consultas nalguma grande questão do Estado; recorres, antes, a homens que, nada tendo de seu, devoram o que é teu? Ah sim é evidente, ironiza Cícero, o teu consulado é que é a salvação e o meu é que foi a perdição!³¹

Cícero ataca-o na sua faceta de orador; em várias passagens se mostra contundente nas suas afirmações, criticando também o seu professor de retórica, a quem pagava um ordenado proveniente do erário público:

Foi para reunires tais acusações, homem insensatíssimo, que declamaste durante dias seguidos, numa casa de campo alheia? Ainda que tu, na verdade, como dizem os teus amigos mais íntimos, declames para dissipar os vapores do vinho e não para aguçares o espírito. Mas, em verdade, para divertimento, tens um mestre, por escolha tua e dos teus comparsas considerado rétor, a quem concedeste a faculdade de dizer contra ti o que quisesse; é um homem mordaz, mas a matéria é fácil, quando se trata de dizer coisas espirituosas contra ti e os teus amigos.³²

E o pagamento do professor é referido por várias vezes, nomeadamente quando Cícero refere as distribuições de terra de Marco António, após a morte de César. A forma como Cícero ironiza faz mesmo lembrar Marcial:

Quando se retirava o território da Campânia, do domínio público, para se atribuir aos soldados, pensávamos nós estar a infligir um grande dano à República, mas tu dividia-lo pelos teus companheiros de mesa e de jogo; quero dizer, actores e atrizes, senadores, colocados no território da Campânia. (...) Ao teu médico,

³⁰ Personagens das comédias de Terêncio e de Plauto. Os primeiros são parasitas e o último proxeneta.

³¹ Phil. II: 15 *Hodie non descendit Antonius. Cur? Dat natalicium in hortis. Cui? Neminem nominabo; putate tum Phormioni alicui, tum Gnathoni, tum etiam Ballioni. Ofoeditatem hominis flagitiosam, o impudentiam, nequitiam, libidinem non ferendam. Tu, cum principem senatorem, ciuem singularem tam propinquum habeas, ad eum de re publica nihil referas, referas ad eos qui suam rem nullam habent, tuam exhaustiunt? Tuus uidelicet salutaris consulatus, perniciosus meus!*

³² Phil. II 42 *Haec ut colligeres, homo amentissime, tot dies in aliena uilla declamasti? Quamquam tu quidem, ut tui familiarissimi dictitant, uini exhalandi, non ingeni acuendi causa declamitas. At uero adhibes ioci causa magistrum suffragio tuo et compotorum tuorum rhetorem, cui concessisti ut in te quae uellet diceret, salsum omnino hominem, sed materia facilis in te et in tuos dicta dicere.*

*[atribuíste] três mil jeiras. E se ele te tivesse curado? Ao teu professor de retórica, duas mil. E se ele tivesse conseguido fazer de ti um orador habilidoso?*³³

Crítica ainda, nesta matéria, o seu desejo de ser espirituoso. Tendo António parafraseado uma expressão sua, “Cedant arma togae!”, Cícero responde:

*Além do mais, numa passagem do teu discurso, quiseste ser espirituoso. Bons deuses, como te saíste mal! Nisso há, porém, alguma culpa tua: podias ter pedido emprestado algum traço picante à tua mulher, a comediante.*³⁴

Quando se prepara para atacar o desempenho de António, Cícero começa por dizer, ironicamente:

*E agora, uma vez que já respondi suficientemente às suas acusações, tenho de dizer algumas coisas sobre este mesmo reformador e corrector da minha conduta.*³⁵

Quando critica os vícios da juventude, começa por aludir à sua situação financeira. Desde que vestira a toga pretexta que estava falido, condição que se terá perpetuado durante toda a sua vida, por ser um dissoluto, um devasso e um dissipador, apesar dos bens que adquirira menos legalmente, ou das heranças que recebera de forma obscura (40-41). Marco António justificara a sua situação da juventude com o pai e Cícero elogia-lhe a piedade filial:

*Lembras-te de que, quando vestias ainda a toga pretexta, já estavas falido? É, dirás tu, culpa do teu pai. Admito. Eis uma desculpa cheia de piedade filial!*³⁶

A sua faceta de dissipador de fortunas, adquiridas de forma obscura (40-41, 66), é enfatizada e apontada por Cícero que o compara a Caríbdis. Mas Caríbdis é só uma; Marco António, ao ritmo e pela extensão com que o faz, devora como se fosse um Oceano inteiro:

³³ Phil. II: **101** *Agrum Campanum, qui cum de uectigalibus eximebatur, ut militibus daretur, tamen infligi magnum rei publicae uulnus putabamus, hunc tu compransoribus tuis et collusoribus diuidebas; mimos dico et mimas, patres conscripti, in agro Campano collocatos. (...) Medico tria milia iugerum; quid, si te sanasset? Rhetori duo; quid, si te disertum facere potuisset?*

³⁴ Phil. II: **20** *At etiam quodam loco facetus esse uoluisti. Quam id te, di boni, non decebat! In quo est tua culpa nonnulla: aliquid enim salis a mima uxore trahere potuisti.*

³⁵ Phil. II: **43** *Iam enim, quoniam criminibus eius satis respondi, de ipso emendatore et correctore nostro quaedam dicenda sunt.*

³⁶ Phil. II: **44** *Tenesne memoria praetextatum te decoxisse? Patris, inquires, ista culpa est. Concedo: etenim est pietatis plena defensio!*

*É Caribdis assim tão voraz? Estou a falar de Caribdis, que se existisse seria apenas um único animal. O oceano, por minha fé, a custo pareceria poder absorver tão rapidamente tantas coisas tão dispersas, colocadas em lugares tão afastados uns dos outros. (...) Mas não seria apenas o património de um só, ainda que ele fosse considerável (e era assim o de Pompeu): uma tal dissipação teria podido rapidamente devorar até cidades e reinos inteiros.*³⁷

As suas tomadas de posição, na política, as suas relações com os políticos do seu tempo, com os seus pares, as suas arbitrariedades na distribuição de terra, enfim, todo o seu percurso até ao momento presente é visado por Cícero, frequentemente de uma forma contundente. O humor cáustico, o sarcasmo, a tentativa de ridicularização de atitudes e tomadas de posição do adversário utiliza-os Cícero para desmobilizar Marco António. Não deixa também de ridicularizar as suas relações amorosas, nomeadamente com a amante, a cortesã Cíteris, de quem viajava acompanhado nas campanhas militares (58), e com a própria mulher: até a cena de reconciliação de marido e mulher ele parodia:

*Mas vede a leviandade deste homem. Como chegasse por volta da 12ª hora perto das Pedras Vermelhas, escondeu-se numa pequena estalagem e, aí, dissimulando-se, bebeu até à noite. Daí, conduzido rapidamente até à cidade, num carro de duas rodas, chegou a casa com a cabeça coberta. Porteiro: “Quem és tu?” “Um correio de Marco.” Levado rapidamente até junto daquela por cuja causa viera, entregou-lhe uma carta. Ela leu-a, chorando, pois o tom era amoroso: dizia que daí em diante, António não teria mais contacto com a comedianta, à qual retirara toda a sua afeição, e que a transferira para a mulher; como esta chorasse cada vez mais, este homem misericordioso não pôde aguentar, descobriu a cabeça e lançou-se ao pescoço dela.*³⁸

³⁷ Phil. II: 67 *Quae Charybdis tam vorax? Charybdim dico; quae si fuit, animal unum fuit; oceanus, medius fidius, uix uidetur tot res tam dissipatas, tam distantibus in locis positas, tam cito absorbere potuisse. (...) Non modo unius patrimonium quamvis amplum, ut illud fuit, sed urbes et regna celeriter tanta nequitia deuorare potuisset.*

³⁸ Phil. II: 77 *At uidete leuitatem hominis. Cum hora diei decima fere ad Saxa rubra uenisset, delituit in quadam cauponula atque ibi se occultans perpotauit ad uesperam. Inde cisio celeriter ad urbem aduectus, domum uenit capite obuoluto. Ianitor “Quis tu?” — “A Marco tabellarius”. Confestim ad eam cuius causa uenerat deducitur eique epistulam tradidit. Quam cum illa legeret flens — erat enim scripta amatorie; caput autem litterarum sibi cum illa mima posthac nihil futurum, omnem se amorem abiecissem illi atque in hanc transfudissem — cum mulier fleret uberius, homo misericors ferre non potuit, caput aperuit, in collum inuasit.*

Na esteira dos oradores que o precederam, alguns dos quais eleva à categoria de modelos e mestres, a ponto de os utilizar como personagens dos seus tratados filosóficos dialogados, Cícero recorre ao humor nos seus discursos. Com a jocosidade, pretende desmobilizar e desorientar o adversário, embaraçar a parte contrária, predispor juizes e audiência a seu favor, no sentido de servir os interesses do cliente e os seus. A sua mordacidade pode ir do humor sorridente ao sarcasmo mais cáustico e mais contundente, denunciando vícios secretos e defeitos íntimos, dando ouvidos também aos mexericos da Cidade e aproveitando-os deliciado. Provocou, por vezes, a boa disposição do auditório e conseguiu o sucesso dos seus clientes, mas também concitou contra si ódios e inimizades.

Bibliografia

- Cicéron, *De L'orateur*, Livre Premier, Texte établi et traduit par Edmond Courbaud (Paris, 1967); Livre Deuxième. Texte établi et traduit par Edmond Courbaud. (Paris, 4^a1966)
- Cicéron, *L'Orateur*. Texte établi et traduit par Albert Yon. (Paris, 1964)
- Cicéron, *Discours. Philippiques I à IV*. Texte établi et traduit par André Boulanger et Pierre Wuilleumier. (Paris, 4^a1972).
- Cicéron, *Discours. Pour Murena. Pour P. Sylla*. Texte établi et traduit par André Boulanger. (Paris, 1967).
- Cicéron, *Discours. Pour Caelius. Sur les provinces consulaires. Pour Balbus*. Texte établi et traduit par Jean Cousin. (Paris, 1969).
- Grimal, Pierre, *Cicéron*. (Paris, 1989)
- Haury, A, *L'Ironie et l'humour chez Cicéron*, (Leiden, 1955).
- Plutarque, *Vies. Démosthène – Cicéron*. Texte établi et traduit par Robert Flacelière et Émile Chambry. (Paris, 1976).

Mordacidade nos discursos de Cícero: *Ioci, facetiae et dicacitates* ao serviço da oratória

* * * * *

Abstract: In his six major treatises on oratory, Cicero deals with the question of humour in speech, naming some of the orators that had excelled in exercising their jestful spirit, pointing out some of the processes of provoking laughter amidst the audience and emphasising its purpose and usefulness for the orator. His own texts (both his letters and philosophical treatises and his judicial and political speeches) reveal, with more or less intensity, his playful nature, be it aimed at his political antagonists, his professional peers or at individuals intending to sue his clients.

Keywords: Cicero; Speeches; Humour; *De Oratore*; *Pro Caelio*; *Pro Murena*; *Philippica*; Clodia; S. Sulpicius; Cato; Marc Anthony.

Resumen: Cicerón teoriza, en sus tratados mayores sobre la oratoria (*De Oratore*, *Orator* y *Brutus*), sobre la cuestión del empleo del humor en los discursos, haciendo referencia a algunos de los oradores que más se habían distinguido por su espíritu jocoso, enumerando algunos de los procesos para provocar la risa entre el auditorio, y poniendo énfasis en su finalidad y utilidad para el orador. Sus propios textos (desde la correspondencia hasta los tratados filosóficos, pasando por los discursos judiciales y políticos) manifiestan, con mayor o menor intensidad, su vena jocosa encaminada al ataque a adversarios políticos, a compañeros de profesión y a los autores de los procesos promovidos contra sus clientes.

Palabras clave: Cicerón, discursos; humor; *De Oratore*; *Pro Caelio*; *Pro Murena*; *Philippica*; Clodia; S. Sulpicius; Catón; Marco Antonio.

Résumé: Cicéron théorise, dans ses grands traités sur l'art oratoire (*De Oratore*, *Orator* e *Brutus*), sur la question de l'utilisation de l'humour dans les discours, en citant certains orateurs qui s'étaient distingués par leur esprit enjoué, en énumérant certains des procédés qui provoquent le rire de l'auditoire, et en valorisant sa finalité et son utilité pour l'orateur. Ses textes-mêmes (de la correspondance aux traités de philosophie, en passant par les discours judiciaires et politiques) révèlent, avec plus ou moins d'intensité, la verve enjouée avec laquelle il s'attaque à des adversaires politiques, à des collègues de profession et aux auteurs de procédures judiciaires contre ses clients.

Mots-clé: Cicéron; Discours; Humour; *De Oratore*; *Pro Caelio*; *Pro Murena*; *Philippica*; Clodia; S. Sulpice; Caton; Marc- Antoine.

Resumo: Cícero teoriza, nos seus tratados maiores sobre a oratória (*De Oratore*, *Orator* e *Brutus*), sobre a questão do recurso ao humor nos discursos, referindo alguns dos oradores que mais se tinham distinguido pelo seu espírito jocoso, enumerando alguns dos processos de provocar o riso entre o auditório, e enfatizando a sua finalidade e utilidade para o orador. Os seus próprios textos (desde a correspondência aos tratados filosóficos, passando pelos discursos judiciais e políticos) manifestam, com maior ou menor intensidade, a sua veia

jocosa direccionada para o ataque a adversários políticos, a colegas de profissão e aos autores dos processos movidos contra os seus clientes.

Palavras-chave: Cícero; Discursos; Humor; *De Oratore*; *Pro Caelio*; *Pro Murena*; *Philippica*; Clódia; S. Sulpício; Catão; Marco António.